

Cordel, riso e crítica social: contribuições para o ensino de literatura

Cordel, laugh and social criticism: contributions to the teaching of literature

Tháisa Rochelle Pereira Martins *
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Naelza de Araújo Wanderley *
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

251

RESUMO: O presente artigo tem como foco de abordagem uma discussão sobre as contribuições que o humor e a literatura de cordel podem trazer para o ensino de literatura e leitura literária. Para isso, comentamos o relato e a reflexão acerca de uma experiência de leitura compartilhada, realizada em uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública no interior de Pernambuco, com o cordel *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima e João Martins de Athayde. A partir da análise dos dados, foi possível constatar a ideia de que o humor, enquanto forte presença na literatura, contribui para aproximar o aluno do texto e possibilita o cultivo do gosto pela leitura.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Humor. Crítica Social. Literatura de Cordel.

ABSTRACT: This article focuses on the approach of a discussion about the contributions that humor and cordel literature can bring to the teaching of literature and literary reading. Therefore, we commented the report and reflection about a shared reading experience held in a class of the first year of high school in a public school in a small town of Pernambuco, with the *Proezas de João Grilo* cordel, by João Ferreira de Lima and João Martins de Athayde.

Keywords: Literature Teaching. Humor. Social Criticism. Cordel Literature.

* Mestre em linguagem e ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Uma das problemáticas que assolam o ensino de literatura nas escolas diz respeito à postura distanciada dos alunos em relação ao texto literário. Isso é evidenciado por Rezende (2013), uma vez que a autora coloca em foco o problema de uma instituição escolar que, a partir de sua organização curricular, acaba negando tempo e espaço para uma leitura entendida como verdadeira experiência, apoiada na fruição e reflexão.

Marinho e Pinheiro (2012) atestam, através de suas pesquisas, que os cordéis podem se converter em uma relevante alternativa para o processo de formação de leitores. A diversidade de temas e de construções dos folhetos pode levar o estudante a ter encontros com a fantasia, com sentimentos fortes como a tristeza, o sofrimento, o amor, a vingança ou com situações cômicas que lhes suscitem o riso e ao mesmo tempo impliquem certa reflexão. Em relação a estas últimas, destacam-se os cordéis humorísticos, que podem trazer importantes contribuições para o trabalho com a leitura literária em sala de aula.

Para Travaglia (1990), o humor está ligado ao riso entendido de uma maneira ampla, como uma satisfação de espírito, um movimento interior que já foi denominado de riso recôndito. Esse riso está intrinsecamente ligado ao homem, pois “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano.” (BERGSON, 2007, p. 2). Em suma, o humor possui associação com o riso, mas vai muito além do sentido que geralmente lhe é atribuído pelo senso comum, possuindo fins que ultrapassam uma natureza puramente risista, “ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção de equilíbrio social e psicológico; uma forma de flagrar e revelar outras possibilidades de visão do mundo.” (TRAVAGLIA, 1990, p. 2).

É importante frisar também que o que pode ser humorístico para um grupo, pode não o ser para outro, sobretudo por causa da cultura, costumes e atitudes diferentes. De maneira geral, Bergson (2004) aborda o riso como castigo

à rigidez e à inflexibilidade, explicitando, assim, o ridículo humano. Torna-se risível tudo aquilo que represente um desvio, e o riso, nesse caso, é o castigo para tal desvio. Enquanto gesto social, o riso visaria, assim, restabelecer e integrar à sociedade o indivíduo de comportamento desviante. Com isso, o estudioso alude à famosa máxima latina *ridendo castigat mores*¹. Muitos clássicos da literatura de cordel desenvolvem um humor calcado na explicitação do ridículo humano, ou seja, as características, vícios e comportamentos de alguns personagens são postos em destaque e, às vezes, intensificados ou aparecem repetidas vezes em suas personalidades, provocando, assim, um efeito cômico.

Tomando como ponto de partida o riso como objeto que suscita o questionamento de convenções e paradigmas, adentramo-nos na questão da constituição da sátira. Nesse caminhar, Frye (1957) assinala dois aspectos principais da sátira: a graça ou humor baseado na fantasia, em um senso de grotesco ou no absurdo, e o ataque.

Nesse caso, o riso de muitos folhetos se apresenta como elemento lúdico que favorece a interação e ao mesmo tempo pode gerar certa reflexão. O clássico cordel *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima e João Martins de Athayde² é um exemplo de construção lúdica e ao mesmo tempo crítica. A imagem do personagem João Grilo, que pode ser tomado como um anti-herói popular, é constituída a partir de um riso que evidencia importantes questões sociais, além de questionar paradigmas e desestabilizar hierarquias, já que as ações do referido personagem, contra sujeitos que representam certa autoridade ou detém determinado poder, desvelam um mundo no qual deveria existir a liberdade em contraposição às formas de dominação.

¹ Rindo se castigam os costumes.

² A primeira parte do texto foi escrita em sextilhas por João Ferreira de Lima e publicada na década de 1930. Anos mais tarde, o poeta João Martins de Athayde ampliou a história de João Grilo, escrevendo mais estrofes, desta vez com sete versos, deixando o cordel com trinta e duas páginas.

Nessa perspectiva, este artigo apresenta uma discussão sobre as contribuições que o trabalho com a leitura do cordel *Proezas de João Grilo* pode trazer para o ensino de literatura e leitura literária, partindo da ideia de que o humor pode significar uma ponte para levar o discente a estabelecer uma relação crítica e sensível com o texto literário. Dessa forma, em um primeiro momento, empreendemos uma discussão sobre a relevância da presença da literatura de cordel e do humor no ambiente escolar, posteriormente apresentamos uma breve leitura acerca de alguns pontos da constituição da imagem do personagem João Grilo, tendo como base as teorias sobre o riso, sobretudo o riso carnavalesco abordado por Bakhtin (1987), como também as colocações de González (1994) no que concerne à construção do anti-herói neopicaresco e ainda o embasamento de Frye (1957) sobre a sátira. Por último, abordamos uma experiência de leitura do mencionado cordel com alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública.

Cordel, humor e sala de aula

254

Uma das características mais fortes da literatura de cordel é seu vínculo com a oralidade. Marinho e Pinheiro (2012) salientam que a crise da virada do século XIX no Brasil fez com que os homens pobres e livres buscassem nas cidades novos meios de sobrevivência e, com isso, os primeiros escritores de folhetos que saíam do campo em direção à cidade levavam consigo várias histórias, fantasias e um imaginário peculiar. Uma vez vivendo nas cidades, os poetas começaram a transpor para o papel o universo de suas experiências, o que não eliminou, de forma alguma, a relação do cordel com a oralidade, uma vez que, segundo Abreu (1999, p.118), “os poetas populares nordestinos escrevem como se estivessem contando uma história em voz alta. O público, mesmo quando a lê, prefigura um narrador oral, cuja voz se pode ouvir.”

Ayala (2010) ressalta que apesar da transposição para a modalidade escrita, a estrutura métrica (com versos em redondilha maior), as rimas, a oração (com

articulações próximas à fala) dos cordéis lhes conferem o vínculo com a transmissão oral e deixa clara a mobilização do repente e da embolada (gêneros orais) para dentro do sistema escrito. A autora também destaca que os versos narrativos impressos, apesar da mudança de sistema, continuaram a trazer à tona os sentimentos, as visões de mundo, os saberes e valores que estão integrados ao universo dos leitores/ouvintes. Ademais, os folhetos funcionavam como meio de alfabetização de muitas pessoas pobres que não tinham acesso à escola e aprenderam a ler e a escrever a partir do contato com essa literatura.

É nesse caminhar que a construção literária do cordel ganha um sentido comunitário, marca da poesia popular. Ribeiro (1987) frisa que os versos populares são produtos coletivos não em relação a sua composição material, já que isso é praticamente impossível, mas no que se refere a sua condição como patrimônio e como meio de expressão comunitária. Assim, ao próprio poeta popular é conferido certo papel social, ele passa a ser visto como “guia e representante das aspirações do povo.” (RIBEIRO, 1987, p. 67).

Para Ayala (1997, p. 160), a literatura popular, “para existir contemporânea e simultaneamente a outras formas de cultura (que conta com meios poderosos de produção, divulgação e veiculação), não pode abrir mão do seu tempo comunitário”. Nessa perspectiva, é possível traçar a importância da presença da literatura de cordel no ambiente escolar, uma vez que essa instituição pode se colocar como uma das responsáveis por promover o compartilhamento do sentido comunitário, do imaginário de variadas culturas. Além disso, segundo Pinheiro (2013), as experiências trazidas pelos folhetos, mesmo por aqueles que foram escritos há algum tempo atrás, podem ser significativas para vários sujeitos, de diferentes épocas e espaços.

O cordel pode fornecer ao sujeito diferentes maneiras de olhar para a vida, para as relações estabelecidas no mundo, contribuindo para a formação crítica do aluno por meio de uma experiência estética que combina elementos de natureza variada e que, mesmo possuindo bases comunitárias (AYALA, 1997),

toca a cada um de maneiras diferentes. Dentre as diversas formas de construção na literatura de cordel que pode contribuir para o desenvolvimento da criticidade do estudante, é possível observar aquelas que expressam contestações, insatisfações, anseios e até certa resistência aos paradigmas a partir do riso. Nesse caminhar, podemos aproximar muitos dos folhetos nordestinos do riso carnavalesco, que está na base da construção da sátira, abordado por Bakhtin (1987).

Em seu estudo sobre a obra de François Rabelais, Bakhtin (1987) utiliza o termo “carnavalização” referindo-se a algumas manifestações da cultura popular na Idade Média e no Renascimento, dentre elas algumas festas, ritos, espetáculos, obras cômicas orais e escritas e vocabulários grosseiros. Todas essas manifestações traduziam uma visão de mundo peculiar, contestadora dos valores oficiais, da ordem vigente e eram ocasiões em que o periférico era privilegiado. Nas festividades carnavalescas da época, por exemplo, o que se abolia principalmente era a hierarquia, seja ela ideológica, de classe, sexo e idade, substituída pelo contato livre entre homens que parodiavam autoridades e entidades sagradas.

O riso medieval passou, assim, a funcionar como meio de a camada popular, mesmo que em momentos específicos, se contrapor à opressão, à dominação, e expor seus desejos, suas utopias e pontos de vista, já que, em muitas festividades, o riso concretizava “a esperança popular num futuro melhor, num regime social e econômico mais justo, numa nova verdade.” (BAKHTIN, 1987, p.70). Nessa ocasião, o povo poderia exprimir sua “vingança” simbólica às elites, que se tornavam alvo de zombarias. Além disso, as correntes da dominação e do medo eram quebradas, pois “o riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade, empregam a linguagem do riso.” (BAKHTIN, 1987, p.78).

Tomando essa perspectiva acerca do riso popular e considerando o fato de que esse riso, conforme Bakhtin (1987), tornou-se um legado literário, presente em

diversas obras humorísticas de várias épocas, muitos dos cordéis nordestinos, assim como *Proezas de João Grilo*, trazem esse sentido carnavalesco em suas construções, uma vez que questionam poderes estabelecidos e promovem certo “rebaixamento” de indivíduos que representam algum tipo de autoridade, questionando, assim, os pilares de divisão social e construindo uma sátira em torno de determinada sociedade. É ainda através do humor dos cordéis que a dura realidade e a luta por sobrevivência de um povo pode ser desvelada. Dessa forma, o riso, como marca da literatura de cordel, pode abrir espaço para um trabalho de leitura literária em que o prazer e a reflexão caminham juntos.

Ainda vale ressaltar que a sátira pode se delinear nos folhetos a partir da figura de um anti-herói com traços picarescos, assim como acontece na constituição da imagem de João Grilo. No entanto, é importante considerar que João Grilo, assim como tantos outros personagens da literatura nordestina, não se encaixa em uma definição acabada do modelo do clássico pícaro espanhol.³ Nesse viés, o cordel objeto desse trabalho pode ser tomado como uma produção relacionada à neopicaresca⁴, a qual é abordada por González (1988) como uma extensão da picaresca clássica, com traços que retomam e ao mesmo tempo transgridem a picaresca espanhola. Dessa forma, o cordel *Proezas de João Grilo*

³ Vale salientar que João Grilo é um personagem que possui raízes européias. Em estudo sobre as origens de João Grilo, Francisco Topa (1995) realiza um paralelo entre as tradições portuguesa e brasileira que trazem a figura de Grilo em suas manifestações literárias. Com isso, o autor evidencia que o folheto nordestino *Proezas de João Grilo* guarda certa ligação com a tradição portuguesa, no entanto, Topa (1995) também destaca detalhes que demonstram que a tradição nordestina se apropriou de uma base mínima oriunda de Portugal para expandir a configuração do personagem e de sua história em uma linha de crítica social. Desse modo, a figura de João Grilo, segundo o referido autor, foi enraizada na realidade local.

⁴ González (1988) analisa o enredo de uma série de obras, inclusive brasileiras, que se aproximam da literatura neopicaresca; essa entendida como uma extensão da picaresca clássica. Assim, a neopicaresca pode abranger textos alheios à Espanha do século XVII, mas que apresentam a figura de um pícaro, que vive situações e aventuras, baseadas na esperteza, sendo que a constituição do personagem, das suas ações e do contexto representado pode romper, de diversas maneiras, com o modelo clássico, o que coloca a neopicaresca como uma modalidade que pode ser lida à luz do modelo clássico espanhol, mesmo sem guardar uma relação direta com ele.

possui alguns aspectos picarescos, mas que são atualizados por uma linguagem e contexto nordestino.

No próximo tópico, será realizada uma leitura de algumas passagens do referido folheto, tomando o conceito de carnavalização (BAKHTIN, 1987) com o objetivo de observar de que forma o riso satírico se apresenta como elemento contestador e crítico, o qual pode expandir as percepções usuais do sujeito. Nessa perspectiva, também serão elencadas algumas das características provenientes da picaresca, traduzidas em uma neopicaresca, já que tais influências se colocam como um ponto relevante para as discussões no que diz respeito à constituição do riso nos cordéis e para a compreensão de como essa comicidade contribui para a construção de uma sátira em torno de certos assuntos e figuras sociais, partindo do fato de que a sátira, de acordo com González (1994), possui presença marcante na literatura picaresca.

As proezas de João

258

Como destacado anteriormente, a atualização de elementos picarescos no folheto *Proezas de João Grilo* dá margem para que o personagem possa ser tomado como neopícaro; essa atualização também influencia a construção da imagem de João Grilo a partir de facetas variadas, visto que a presença de antagonismos, de realidades opostas, é um recurso estilístico que permeia as histórias e ações do protagonista do cordel de Lima e Athayde, como será evidenciado mais adiante, não só na leitura do cordel realizada aqui, mas também na recepção de alunos do 1º ano, descrita no tópico posterior.

Em um primeiro momento, as primeiras estrofes do folheto apresentam a figura de João Grilo da seguinte maneira:

João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia
Criou-se sem formosura
Mas tinha sabedoria
E morreu depois das horas

Pelas artes que fazia

E nasceu de sete meses
Chorou no 'bucho' da mãe
Quando ela pegou o gato
Ele gritou:- Não me arranhe,
Não jogue neste animal
Que talvez você não ganhe!
(LIMA, s/d, p.1).

As estrofes transcritas acima narram, de maneira cômica, o nascimento de João Grilo, bem como anunciam características do personagem que poderão ser bem mais elucidadas no decorrer das estrofes posteriores. Logo no primeiro verso, é expressa a cristandade do personagem; esse aspecto, que funciona como mais um elemento construtor da imagem de João, pode ser considerado característica estética da literatura nordestina, já que a religião e a fé são historicamente bastante presentes no Nordeste e, por sua vez, no cordel. A relação do personagem com o divino é construída ao longo do cordel de maneira antagônica, visto que, como será evidenciado em seguida, as ações do Amarelinho⁵ sugerem uma dessacralização do sagrado.

259

Ainda na primeira estrofe, no terceiro e quarto versos, podemos perceber uma das contradições que justificam a figura anti-heróica de João Grilo: ao contrário dos heróis clássicos, que geralmente possuem dotes físicos, o personagem não tinha “formosura”, no entanto, era dotado de grande sabedoria. González (1994) refere-se a certa atrofia das características de alguns anti-heróis se relacionadas à constituição da imagem do herói, salientando que é justamente esse declínio um dos responsáveis por gerar o efeito da comicidade. De maneira ampla, podemos tomar aqui a atrofia de características tanto no que diz respeito ao físico quanto à personalidade de Grilo.

⁵ Esse termo é bastante utilizado na literatura de cordel para referir-se não só a João Grilo, mas também a outros personagens com características semelhantes. Luyten (2005) faz menção à “Literatura dos amarelinhos” como histórias em que os pobres vencem os ricos e poderosos pela malícia e astúcia.

Quanto ao físico, versos de estrofes posteriores acentuam o risível na constituição do personagem, que é colocado como alguém “[...] Pequeno, magro e sambudo/ As pernas tortas e finas/ A boca grande e beijudo [...]” (LIMA, s/d, p.1). Essa mesma construção linguística pode lembrar também a realidade de muitas crianças do Sertão nordestino, sobretudo aquelas mais pobres, que geralmente possuem um aspecto franzino e sambudo ⁶ em decorrência da má alimentação ou da falta dela.

Colocada como contrapartida à falta de formosura, a sabedoria do personagem já o anuncia como sujeito que realizaria proezas. Porém, o sentido do título do cordel pode ser melhor evidenciado na segunda estrofe, a qual apresenta João Grilo como um ser quase sobrenatural, uma vez que já realizava proezas na barriga da mãe, adivinhando até mesmo os lances do jogo do bicho. O sobrenatural e a fantasia que permeiam o nascimento do menino João também podem ser percebidos na terceira estrofe:

Na noite que João nasceu,
Houve um eclipse na lua,
E detonou um vulcão
Que ainda hoje continua
Naquela noite correu
Um lobisomem na rua.
(LIMA, s/d, p.1).

O trecho acima constrói uma imagem sobrenatural de João Grilo, uma vez que até seu nascimento foi marcado por raros eventos da natureza e por fantasias, como o aparecimento de um lobisomem na rua. Aqui, é possível evidenciar, inicialmente, o absurdo, um dos recursos estilísticos de construção da comicidade na sátira (FRYE, 1957), visto que um simples nascimento é tomado em proporções universais, já que um eclipse na lua ¹² Essa expressão geralmente é utilizada na região Nordeste para referir-se a pessoas que possuem a barriga crescida ou inchada. ³³ marca o dia em que o menino veio

⁶ Essa expressão geralmente é utilizada na região Nordeste para referir-se a pessoas que possuem a barriga crescida ou inchada.

ao mundo. Também vale destacar a marca do exagero, que funciona como um dos motores do humor. Ademais, a presença da fantasia, uma característica da neopicaresca e que rompe com a picaresca clássica (GONZÁLEZ, 1988), transforma o personagem em um ser quase mítico.

Após narrar o nascimento do Amarelinho, o cordel segue apresentando as travessuras do personagem durante a sua infância, colocando como primeiro alvo delas um vaqueiro que quase morre afogado por acreditar que o rio daria passagem, mentira contada por João Grilo. Posteriormente, iniciam-se os episódios em que o padre torna-se a principal “vítima” das artimanhas de João. Em uma das passagens, o religioso, ao pedir um pouco de água, recebe um coité com garapa e com um rato “podre” e “fedorento” dentro. Ao descobrir a traquinagem, a reação do padre é cômica:

O padre disse: - Menino,
Tenha mais educação
E por que não me dissestes?
Oh! Natureza do cão!
Pegou a dita coité
Arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: Danou-se
Misericórdia São Bento:
Com isto mamãe se dana
Me pague mil e quinhentos,
Essa coité, seu vigário
É da mamãe mijar dentro!

O padre deu uma pôpa
Disse para o sacristão:
- Este menino é o diabo
Em figura de cristão!
Meteu o dedo na goela
Quase vomita o pulmão!
(LIMA, s/d, p.4).

Na primeira estrofe, também é possível destacar outro recurso linguístico: os pontos de exclamação e as expressões usadas pelo padre, tais como “Oh! Natureza do cão!”, podem enfatizar o incômodo e a raiva do sujeito ao descobrir o ato de Grilo. Ainda diante da revelação de João Grilo, de que a coité na qual o padre bebeu água é utilizada como depósito de urina por sua

mãe, o religioso se mostra ainda mais furioso, reação que é expressa por meio da construção linguística “o padre deu uma pôpa”, já que o termo “pôpa” é utilizado no contexto nordestino para caracterizar a irritabilidade. Sendo assim, a surpresa que decorre do fato revelado, o que causa a ira do padre, pode ser tomada como um dos recursos estilísticos do humor dessa passagem do cordel.

Por sua vez, na segunda estrofe, os recursos linguísticos “Danou-se”, “se dana”, “mijar”, “goela” usados pelo personagem, acentuam a comicidade da situação, uma vez que essa linguagem, presente em determinados contextos nordestinos, por vezes considerada “chula”, suscita o riso, quando empregada pela sátira, sobretudo de um grupo de pessoas que compartilham o mesmo vocabulário nordestino. Dessa forma, é possível dizer que essas expressões podem sugerir uma carnavalização por meio da linguagem. Essa questão é abordada por Bakhtin (1987) quando este discute a carnavalização expressa a partir do vocabulário, elencando que várias expressões, consideradas grosseiras, faziam parte das festividades de praça pública, na Idade Média e no Renascimento, sendo que a principal característica desses termos é que eles representavam a liberdade, a franqueza e a familiaridade. Assim, a utilização dessa linguagem popular pode indicar certa libertação dos padrões oficiais e a quebra de hierarquia, sobretudo se levarmos em consideração que Grilo se utiliza dessas expressões para dirigir-se à autoridade religiosa.

Já na terceira estrofe, é importante observar a imagem que aparece delineada na fala do próprio padre para referir-se a João Grilo: “diabo em figura de cristão”. Aqui, o recurso linguístico, as antíteses diabo/cristão, pode ser tomado como indício da dualidade que forma a personalidade do anti-herói nordestino no decorrer do cordel, uma vez que o personagem é construído como cristão, mas ao mesmo tempo como sujeito que não se submete aos preceitos da igreja e até passeia pelo profano, quando, por exemplo, dessacraliza a figura do padre. Essa dessacralização por meio do riso (BAKHTIN, 1987) pode ainda ser mais bem observada em estrofes posteriores, quando, ao ir à igreja confessar-

se, o Amarelinho coloca uma lagartixa dentro da roupa do padre; o que leva o religioso a despir-se e, dessa forma, a se transformar em alvo de zombarias.

O padre impaciente
Naquele turututu
Saltava pra todo lado
Que parecia um timbu
Terminou tirando as calças
Ficando o esqueleto nu.

João disse: -Padre é homem?!
Pensei que fosse mulher,
Anda vestido de saia
Não casa porque não quer
Isto é que ser caviloso
Cara de mata bebé!
(LIMA, s/d, p. 6-7).

Na primeira estrofe, o fato de o padre ser comparado a um animal e, logo em seguida, ser descrito como “um esqueleto nu” suscita um riso que implicitamente derruba os andares de divisão entre os homens, mais especificamente, entre uma autoridade religiosa e um homem “comum”, do povo. Esse recurso linguístico faz o texto se aproximar do riso carnavalesco da Idade Média, que, de acordo com Bakhtin (1987), em muitos casos, fazia referência ao corpo e à nudez como forma de diminuir a distância entre os indivíduos, de destituir poderes. Nesse viés, na situação do cordel, ao ficar com “o esqueleto nu”, ao perder sua batina, o padre também perde simbolicamente certa autoridade ou poder e passa a se tornar um homem como qualquer outro, uma vez que a imagem de um corpo nu é algo extremamente terreno. Assim, é instaurada uma igualdade por meio do riso.

Também vale considerar que a partir da expressão “caviloso”, que pode ser usada para definir alguém fingido ou que se utiliza de fraudes. O ataque, muitas vezes, se configura em uma crítica, na qual certas convenções são colocadas em foco e questionadas por meio do humor, que pode se delinear a partir de vários artifícios. Sobre essa característica da sátira, vale destacar que “[...] quase toda denúncia, se bastante vigorosa, é seguida pelo leitor com uma espécie de prazer que logo raia num sorriso.” (FRYE, 1957, p. 220). Assim, as

próprias expressões linguísticas, construídas no decorrer da história apresentada no cordel, são conhecidas no contexto nordestino e muitas costumam ser associadas a um viés humorístico.

Após realizar uma série de travessuras com o padre, Grilo empreende uma vingança contra um português ao assustar a égua do homem soltando uma ponta de cigarro dentro da orelha do animal, levando-o a derrubar todos os ovos que estavam sendo carregados. Nesse momento, assim como em passagens anteriores, o personagem pode ser percebido como astuto e travesso, entretanto, além disso, ao refletirmos acerca da natureza dos sujeitos alvo das ações do Amarelinho, é possível enxergar certa relação hierárquica.

A figura do português, por exemplo, por fazer referência à colonização, pode representar certa imagem de opressão. Assim, no momento em que é ridicularizada, essa mesma figura perde a superioridade que historicamente lhe é atribuída. Nesse sentido, pode-se dizer que nas primeiras ações do personagem do cordel há uma carnavalização (BAKHTIN, 1987) de sujeitos que representam algum tipo de poder ou se encontram em um degrau superior, o que sugere uma quebra de hierarquia, realizada através da configuração da sátira.

Nessa primeira parte do cordel, ao mesmo tempo em que é possível observar uma crítica se delineando nos horizontes das ações de João Grilo, por não possuírem circunstâncias explícitas, essas mesmas atitudes do personagem na infância podem ser consideradas travessuras, motivadas por puro divertimento e malandragem. De acordo com González (1994), essa ausência de pragmatismo de algumas ações pode ser tomada como uma marca dos neopícaros, que muitas vezes possuem certo amor pela malandragem. Por sua vez, na segunda parte do cordel, podemos verificar a construção do anti-herói nordestino como sujeito que age conforme a busca por sobrevivência e que, além disso, pode ser enxergado por muitos como um tipo de “justiceiro” e representante da classe oprimida, como será observado a seguir.

A marca da busca pela sobrevivência pode ser perceptível na passagem do cordel em que João Grilo rouba alguns ladrões de Meca com o objetivo de prover alimentos para si e para sua mãe. Ao chegar a casa e encontrar a sua mãe chorando, o personagem tenta realizar uma pescaria para conseguir comida, no entanto, não obtém sucesso, o que é retratado nos seguintes versos: “[...] Na noite triste e sombria/ João Grilo, sem companhia,/ Voltava sem novidade.” (ATHAYDE, s/d, p.13). Aqui, podemos dizer que os jogo de palavras que é feito a partir das expressões “triste” e “sombria/sem companhia”, acentuam a desolação e a tristeza do personagem diante da frustração de não conseguir alimento.

Desse modo, após a tentativa frustrada de capturar alguns peixes, as ações do personagem se direcionam para o roubo aos ladrões de Meca. É interessante destacar que, após se utilizar de sua esperteza para conseguir ludibriar os ladrões e assim roubá-los, João Grilo chega a sua casa e se dirige a mãe da seguinte forma:

Chegou e disse: Mamãe
Morreu nossa precisão
O ladrão que rouba outro
Tem cem anos de perdão!
Contou o que tinha feito,
Disse a velha: - Está direito,
Vamos fazer a refeição.
(ATHAYDE, s/d, p.16).

A partir da observação da estrofe acima é possível evidenciar a concepção dos próprios personagens de que as circunstâncias servem de justificativas para o ato praticado. O autor de utiliza de um provérbio popular, para expressar a própria aprovação de Grilo diante do ato praticado, aprovação corroborada por sua mãe a partir da expressão “está direito”. Nesse caminhar, o próximo verso, “vamos fazer a refeição”, acaba por revelar a principal justificativa do roubo: o personagem pratica o furto para alimentar a si e a sua própria mãe. Dessa forma, a crítica se delinea em dois sentidos: o desenrolar das ações de João

pode promover certa reflexão sobre os meios de sobrevivência do sujeito à margem da sociedade e sobre a dimensão libertária como base da construção da imagem do Amarelinho.

Primeiramente, a contradição que cerca a imagem do protagonista do cordel pode ser entendida através da relação que é estabelecida com o divino, pois, como foi evidenciado anteriormente, o Amarelinho é definido como cristão, mas não se submete aos preceitos da religião e até satiriza a figura do padre, que se refere a Grilo como “natureza do cão” ou ainda como “diabo em figura de cristão”. O próprio roubo do personagem e sua justificativa a partir das circunstâncias revelam que o conceito de “certo” e “errado”, para Grilo, não possui fronteiras tão rígidas.

Além disso, no momento em que planejara o furto aos ladrões, o próprio personagem remete-se ao ato como se fosse um tipo de providência divina, concepção expressa a partir dos versos: “[...] Se Deus ajudar a mim/ acabou-se tempo ruim/ sou eu quem ganho a questão.” (ATHAYDE, s/d, p.14). É dessa forma que João Grilo, através de suas ações, consagra sua própria dimensão libertária, que é colocada como uma das características da neopicaresca por González (1994), e se apresenta como sujeito que rompe com códigos e ideologias sociais, como uma categoria híbrida, que comporta em si realidades diferentes e, por vezes, opostas.

Além de realizar diversas travessuras e agir motivado pelo seu meio, o Amarelinho aparece como sujeito dotado de justiça e como legítimo justiceiro e representante dos oprimidos. Essa imagem pode ser apreendida nas últimas passagens do folheto, quando, após demonstrar toda a sua sabedoria respondendo doze perguntas feitas pelo sultão, o Amarelinho consegue se tornar uma espécie de conselheiro da corte e, nessa ocasião, ajuda um mendigo que estava sendo acusado de roubar o sabor da comida de um duque apenas por encostar um pedaço de pão na fumaça que estava saindo da panela do rico homem. O mendigo deveria pagar certa quantia em dinheiro ou iria para a

chibata. João Grilo, entretanto, ao dirigir-se ao duque, soluciona o conflito da seguinte maneira:

Você diz que o mendigo
Por ter provado o vapor
Foi mesmo que ter comido
Seu manjar e seu sabor
Pois também é verdadeiro
Que o tinir do dinheiro
Representa o seu valor!
(ATHAYDE, s/d, p.27)

A partir das estrofes transcritas acima, é possível evidenciar o senso de justiça do personagem, demonstrado através do ato de pagar com algo abstrato (tinir do dinheiro) aquilo que foi “roubado” também de maneira abstrata (o vapor da comida). Essa atitude de Grilo pode levar o leitor a configurar o Amarelinho como alguém justo e de nobres sentimentos, pois o neopícaro nordestino não age somente em uma perspectiva individualista, suas proezas não são colocadas em prática somente para a sua sobrevivência, mas também para realizar benefícios a terceiros.

267

Partindo dessa ideia, é possível salientar que o folheto, a partir do episódio relatado, desvela uma crítica mais abrangente aos valores construídos socialmente e à maneira como esses valores se colocam mais favoráveis aos que detêm certo poder. No entanto, a atitude de João Grilo desestabiliza os andares da divisão social e restabelece certo equilíbrio entre os homens. Ademais, os recursos estéticos e linguísticos utilizados no folheto constroem um humor que é compartilhado- e entendido- por um grupo que, historicamente, passou e ainda passa por uma vivência parecida com a do personagem. Esses recursos foram evidenciados na gama de expressões populares, responsáveis por despertarem o riso, e na própria disposição rítmica, tão característica da literatura de cordel.

Toda essa dinamicidade e a crítica decorrente das ações do Amarelinho nordestino foram recepcionadas por alunos do 1º ano de uma escola pública do

município de Sertânia- PE. No próximo tópico, apresentamos alguns dados dessa recepção e empreendemos uma reflexão acerca dos efeitos da leitura desse cordel sobre os alunos e as contribuições que essa experiência pôde trazer para a formação leitora desses.

Compartilhando as proezas e o riso de João Grilo

As intervenções pedagógicas com o trabalho de leitura do folheto *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima e João Martins de Athayde foram iniciadas em uma segunda-feira, dia 11 de maio de 2015, com um total de 33 alunos. Quanto ao procedimento de coleta de dados, o registro da experiência foi realizado, sobretudo, por meio de diários de leitura e diário do pesquisador. No diário do pesquisador, registramos as observações iniciais sobre o perfil da classe, os acontecimentos de cada encontro e, de maneira geral, as observações sobre a recepção da turma em relação aos textos literários e metodologias utilizadas.

268

Nos diários de leitura, os alunos foram orientados a anotar suas impressões sobre o texto, sobre o personagem do cordel e sobre a própria experiência de leitura. Rouxel (2014) aborda os diários de leitura como instrumentos que podem ajudar o professor a suscitar a competência estética de seus alunos, já que os leitores podem expor nesses cadernos os julgamentos sobre os discursos ou a ação dos personagens, as hesitações e os pontos de vista sobre o mundo ficcional apreciado.

Para a realização da leitura do folheto, pedimos aos alunos que formassem um círculo com suas carteiras, uma vez que este, no momento de leitura, pode levar alunos e professores a sentirem-se à vontade, contribuindo para melhorar a interação na aula e para captar a atenção da classe para o texto. Isso porque o ato de alterar a ordem das cadeiras, habitualmente enfileiradas, é uma pequena estratégia que quebra o ambiente rotineiro e impositivo da sala de aula. Além disso, o fato de o professor também estar inserido na roda de leitura,

degustando o texto juntamente com a turma, minimiza a imagem de docente que foi construída ao longo do tempo, que o coloca como único ser ativo na aula, “como aquele que tem o dom e o domínio da palavra”, o que, de certa forma, contribui para o distanciamento entre docentes e discentes.

A princípio, pedimos que os alunos folheassem as páginas do texto e fizessem uma leitura silenciosa dos versos, isso com o objetivo de propiciar um primeiro contato, de certa forma mais individual, dos alunos com a construção do cordel e também para que fosse percebido, no momento da leitura em voz alta, que a oralidade é característica marcante dessa literatura. Vale frisar que a realização oral na leitura de folhetos é uma estratégia importante no trabalho com esses textos, visto que, como discutido anteriormente, a literatura de cordel possui um forte vínculo com a oralidade; por isso, assim como salienta Pinheiro (2013), limitar o folheto a uma leitura silenciosa significa enfraquecer sua recepção.

Após propiciar esse primeiro contato dos alunos com o cordel, iniciamos uma leitura oral compartilhada; lemos a primeira estrofe e, em seguida, pedimos para que os alunos dessem continuidade. Colomer (2007) destaca que o compartilhamento de leituras contribui para instituir, na sala de aula, uma comunidade de leitores que enriquecem sua interpretação individual a partir da interpretação dos outros. Sendo assim, a metodologia elaborada para nossas intervenções pedagógicas privilegiou a discussão, o debate e o acolhimento dos pontos de vista dos discentes acerca da história do folheto e da imagem do protagonista.

Os traços da relação que os alunos estabeleceram com o cordel lido começaram a se delinear na mesma aula, depois da leitura oral, quando foi pedido que eles destacassem e lessem, em voz alta, uma estrofe do texto, podendo ser aquela que lhes chamou a atenção ou de que eles teriam gostado por algum motivo. As estrofes mais mencionadas pela classe foram aquelas que faziam referência ao roubo praticado por João Grilo. Os alunos ficaram sensibilizados com o fato

de o personagem e sua mãe passarem por duras necessidades e, por sua vez, essa condição ter levado o personagem a praticar um roubo. Foi o caso dos discentes F.C e J.P⁷, os quais destacaram a estrofe em que o Amarelinho, ao chegar em casa, comunica a sua mãe que roubou alguns ladrões e por isso suprirá sua necessidade. Os referidos estudantes justificaram a escolha desta estrofe, também em seus diários de leitura, da seguinte maneira:

Eu me impressionei com essa estrofe porque eles nunca tinham o que comer, daí, para ele matar a fome da mãe dele, ele teve que roubar. (F.C)

Eu gostei dessa estrofe porque percebi que ele se preocupa com a mãe dele e rouba outros ladrões para alimentá-la. (J.P)

Os estudantes se mostraram perceptivos quanto ao contexto no qual o protagonista do texto se encontra inserido e de que forma esse mesmo contexto pode significar uma motivação para as ações de João. Assim, os alunos começaram a compreender a crítica construída no folheto, no entanto, as discussões e reflexões posteriores acentuaram a compreensão do sentido crítico que permeia o folheto. Nesse caminhar, a partir das próprias colocações da turma sobre as malandragens do personagem, sugerimos a elaboração de um quadro que poderia ser dividido em ações de cada episódio, vítimas, circunstâncias/motivos, estes últimos poderiam ser comprovados com algumas transcrições de estrofes do cordel, e o julgamento de cada uma das ações, se condenável ou não, boas ou ruins, segundo a concepção dos discentes. Logo após a elaboração do quadro, os estudantes poderiam socializá-lo com a turma, explicando os critérios usados para a análise das ações de João Grilo, iniciando, assim, um debate em sala de aula.

⁷ Os nomes dos estudantes serão representados a partir das primeiras letras do primeiro e do segundo nome, para efeito de preservação dos sujeitos e respeito à ética que envolve o nosso trabalho.

Essa atividade foi proposta com o objetivo de estabelecer uma conexão texto/leitor. De acordo com Girotto e Souza (2010), essa conexão orienta os estudantes a estabelecerem laços entre a sua própria vida e o mundo apresentado na obra, o que pode favorecer o cultivo da subjetividade e a construção de novas percepções. Nesse sentido, consideramos que a conexão texto/leitor é uma estratégia metodológica importante para levar o aluno a construir uma postura ativa diante daquilo que é lido, bem como para transformar a sala de aula em um lugar de debate e reflexões.

Além de ter como objetivo promover uma discussão em sala de aula, a proposta de elaboração desse quadro também visou estimular a subjetividade dos alunos diante do texto, visto que a classe poderia expressar seu julgamento sobre as atitudes do personagem através de seus próprios pontos de vista e conhecimentos de mundo. Em consonância com Rouxel (2013), para a instituição do aluno leitor, a partir do trabalho escolar, é necessária a exploração da subjetividade no ato da leitura. Um dos exemplos de quadros construídos pelos discentes pode ser observado logo abaixo.

Figura 1 – Quadro elaborado pelo aluno W.C.

Ação	Vitimas	Circunstância	Julgamento
Botou a lagarticha na roupa do Padre.	Padre	vingança	Ele é culpado e ao mesmo tempo não é culpado. Porque ele fazia tralheira mais do mesmo tempo ajuda algumas pessoas e ele tinha o coração puro. digno de ser uma pessoa de bem.
Enganou o vaqueiro	vaqueiro	tralheira	
Vingança com o Padre	Padre	Vingança	
Roubou os ladrões	ladrões	Para ajudar a mãe	
absorveu o mendigo	mendigo	Ajudar o mendigo	

Fonte: Dados da pesquisa.

É relevante destacar que alguns alunos considerarem João Grilo, sobretudo no episódio em que ele rouba alguns ladrões, como alguém “culpado/inocente”. Como pode ser constatado no quadro acima, um desses discentes atribuiu, de maneira geral, um misto de culpa e inocência ao protagonista, argumentando que: “Ele é culpado e ao mesmo tempo não é culpado, porque ele fazia travessuras, mas ao mesmo tempo ajudava algumas pessoas e ele tinha o coração puro, digno de ser uma pessoa de bem.” (W.C). Com isso, foi possível perceber que a compreensão dos alunos acerca da imagem de Grilo se baseou em uma síntese dos contrários, característica elencada por González (1994) na discussão sobre o neopícaro. Essa perspectiva também pôde ser comprovada através das expressões que eram usadas pelos estudantes para definir as impressões que o personagem havia causado, anotadas nos diários de leitura. O aluno W.C, por exemplo, também destacou que achava que João Grilo “se vingava das pessoas, mas tinha um coração puro e topava ajudar qualquer um.”

O momento de discussão dos quadros das ações de João Grilo foi um dos mais significativos da experiência de leitura, primeiro porque foi possível promover uma interação entre os variados pontos de vista dos alunos e segundo porque foi perceptível que os estudantes puderam se relacionar com o personagem do folheto de tal forma que o defendiam ferrenhamente. O debate tomou proporções tão instigantes que a classe chegou a se transformar em um “júri” para o “julgamento” de Grilo.

A ideia foi sugerida por uma aluna, que, ao argumentar que a ação de roubar era condenável em qualquer circunstância, foi contrariada por outra discente que opinou que a atitude de João Grilo é aceitável, já que teve como objetivo o suprimento das necessidades de sua mãe. Nesse momento, a estudante que condenava a ação do personagem sugeriu para a colega: “Então você é a advogada de defesa e eu sou a de acusação.” A partir desse momento, tivemos que levar os alunos a organizarem suas falas, pois houve certa agitação na sala, muitos começaram a falar ao mesmo tempo, sintoma, talvez, da não prática de

discussões orais, mas também um sinal positivo quanto ao envolvimento texto/leitor.

A aluna que havia condenado o roubo de Grilo também argumentou que o personagem deveria “ter ido procurar um emprego ao invés de roubar”, em seguida, a discente A.M contestou esse ponto de vista, afirmando que “não é fácil conseguir um emprego”. A partir desses comentários, podemos dizer que a discussão partiu de situações presentes no texto para uma visão mais ampla do mundo em que vivemos e do condicionamento que os mecanismos sociais, muitas vezes, exercem sobre os sujeitos. A estudante A.M levantou uma questão importante e a levou para o universo do personagem, apesar do cordel não fazer referência explicitamente a tal problemática, o que se configura como início de uma reflexão que surgiu do diálogo entre o texto e as visões de mundo que o sujeito traz consigo.

Além disso, como pôde ser evidenciado anteriormente, imagens que colocam a figura de João Grilo como alguém com “coração de criança”, por exemplo, foram algumas das concepções formuladas pelos alunos em contato com o universo do folheto. Essas percepções podem ser tidas como consequência de uma recepção que considera o texto produzido pelo leitor durante a leitura, já que esse mesmo leitor, ao se apropriar do texto, o configura à sua imagem, a partir de elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura. (ROUXEL, 2014, p. 23).

Outros discentes consideraram aceitável quase todas as ações do personagem, como a aluna F.C, a qual, ao ser contestada pelos colegas por julgar Grilo inocente em atitudes que ele poderia ser considerado culpado, argumentou que tinha gostado de todas as ações do personagem, pois, dessa forma, “ele mostrava que o pobre não é tão coitado assim”. A seguir, é possível observar o quadro elaborado pela aluna.

Figura 2— Quadro construído pela aluna F.C.

Ações	Personagens	Circunstância	Julgamento
Mentou a bagartica e a água suja	O Vaqueiro	Não tem nem.	mal
Pigarro no alho	O Padre	Pingança	Bom
Roubou os ladrões de meca	Português	Pingança	Bom
Ajudou o mendigo	Padre	Roubou para colocar comida em casa.	Bom
Deu uma lição em toda a corte.	Mendigo	Justiça	Bom
	Duque	Justiça	Bom

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir de colocações tais como a da aluna F.C, percebemos que alguns estudantes construíram certa identificação, um vínculo com a figura do personagem do cordel, e ainda se sentiram representados através de ações de um sujeito que, apesar de se encontrar à margem da sociedade, procura meios de se fazer superior em relação a seus opressores, de humilhar, através do riso, aqueles que representam o poder, satisfazendo o desejo de um público que anseia por ver esse triunfo.

Também é significativo ressaltar que, no momento dessa mesma discussão dos quadros elaborados pelos alunos, uma discente comparou João Grilo ao personagem Robin Wood, enfatizando que assim como o herói mítico inglês, o Amarelinho roubava para ajudar as pessoas, no caso, sua mãe. Esse comentário da aluna também revela a relação entre experiências como base para a compreensão do texto, além de deixar transparecer a sua interpretação do

personagem do cordel a partir de elementos que rompem com as características comuns aos heróis clássicos.

Diante da recepção da turma, podemos corroborar o fato de que, mesmo escrito em uma época distante da atual, *Proezas de João Grilo* continua fazendo sentido em tempos de desigualdade e divisões entre grupos, o que corrobora a característica atemporal da literatura de cordel (AYALA, 2010), carregada de vivências e experiências humanas que poderão ter significado, através dos tempos, para vários sujeitos.

Terminada a discussão, perguntamos a classe qual seria o “veredicto” final de João Grilo, nesse momento, todos os alunos responderam, ao mesmo tempo e em voz alta: “inocente!”. Dessa forma, durante o debate em sala, retomamos passagens do folheto, que foram discutidas pelos alunos, muitos dos quais consideraram condenáveis algumas ações do personagem, porém, enxergando a prevalência da justiça e da bondade que se aninham à personalidade de Grilo.

Considerações finais

A partir da realização das intervenções pedagógicas procuramos proporcionar uma mobilização de conhecimentos e de percepções por meio da leitura do cordel *Proezas de João Grilo*. Os principais resultados evidenciados a partir da experiência com esse folheto humorístico apontam para o fato de que é possível desenvolver, em sala de aula, um trabalho que, voltado para a formação de leitores, faça uso de estratégias com o intuito de estimular a participação do aluno e seu posicionamento diante dos textos. Esse cultivo de uma postura ativa sobre aquilo que é lido funciona como um dos principais requisitos para assegurar uma experiência literária no âmbito escolar.

Desse modo, as atividades elaboradas para o trabalho com o cordel, visaram, sobretudo, possibilitar aos discentes a construção de pontos de vista sobre o personagem e a história do texto. Na elaboração do quadro com as situações

vividas por João Grilo, por exemplo, os alunos puderam expressar suas opiniões acerca da constituição do Amarelinho, elencando características que estão ligadas à face anti-heróica do protagonista. À medida que elucidavam as nuances que envolvem a imagem de Grilo, os estudantes confirmavam tais percepções a partir das próprias ações do personagem, explícitas no folheto. Com isso, a forma de organização de informações no quadro permitiu um movimento constante de volta ao cordel, o que contribuiu para uma compreensão baseada nas opiniões da turma, mas possível de ser justificada a partir do próprio texto.

Com efeito, as percepções que os estudantes formulavam sobre determinadas ações de João Grilo suscitavam importantes discussões sobre alguns episódios do cordel, a exemplo do roubo praticado pelo personagem, ação que gerou o embate de pontos de vista e uma reflexão sobre as condições de sobrevivência do homem. Dessa forma, além de vivenciar a face lúdica do riso, a turma também foi estimulada a refletir sobre as situações que envolviam o personagem, visto que o folheto apresenta uma sátira direcionada, dentre outras questões, às formas de dominação, à desigualdade e à sociedade hierarquizada.

Nesse contexto, observamos que o humor do cordel foi compartilhado por um grupo que se sentia próximo a João Grilo, seja por suas travessuras e encrencas e/ou por sua dura realidade. Com isso, o riso significou um instrumento de ludicidade, como também um meio de refletir sobre assuntos que perpassam a vida humana e, portanto, como um aspecto que pode trazer contribuições para o processo de formação de leitores na escola.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Col. Histórias de Leitura).

- AREDA, Francis Sales. *As palhaçadas de Pedro Malazarte*. Bezerros, 2004.
- AYALA, Maria Ignez Novaes. *ABC, folhetos, romances ou versos: a literatura impressa que se quer oral*. Grafos. João Pessoa, Vol. 12, N. 2, Dez./2010 - ISSN 1516-1536. p, 52-72.
- AYALA, Maria Ignez Novaes. Riqueza de pobre. In. *Literatura e sociedade: revista de teoria literária e literatura comparada*. USP, São Paulo; n. 2, p. 160-169, 1997.
- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Nathanael C. caixeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica, 2006.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Trad. Péricles Eugênio da Silva. São Paulo: Editora Cultrix, 1957.
- GIROTTO, Cyntia, SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: – MENIN, Ana Maria da C.S, SOUZA, Renata Junqueira de, [et al.]. (org.). *Ler e Compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- GONZÁLEZ, Mario M. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- LIMA, João Ferreira de. *Proezas de João Grilo*. S/D.
- LUYTEN, Joseph Maria. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O Cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. (coleção trabalhando com... na escola).
- PINHEIRO, Hélder. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. In: DALVI, M. A. REZENDE, N. L. de, JOVER-FALEIROS, R. (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROUXEL, A.. Aspectos metodológicos do Ensino de Literatura. In: DALVI, M. A. REZENDE, N. L. de, JOVER-FALEIROS, R. (org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROUXEL, Annie. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. In: PINHEIRO, José Hélder. (org). *Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino*. Campina Grande: Abralic, 2014.

TOPA, Francisco. *A história de João Grilo: do conto popular português ao cordel brasileiro*. Revista da faculdade de letras: línguas e literaturas. Porto. XII. 1995. pp. 245-274.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Uma introdução ao estudo do humor pela linguística*. Delta- Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 6, n.1, p. 55-82, 1990.